

"A 'pele' atmosférica da cidade"

Tonino Griffero

Tradução da Dra. **Ethel Pinheiro Santana**; Programa de Pós-Graduação em arquitetura da UFRJ (PROARQ/FAU/UFRJ).

Atmosferologia

Via de regra, a atmosfera de uma cidade não é gerada por um processo cognitivo cumulativo e experiencial, usando uma síntese fatalmente construtivista que é condicionada pela projeção psicológica do sujeito. De acordo com uma abordagem atmosférica (Griffero, 2010a; 2014) que destaca a aparência *qua talis* e as primeiras impressões do que nos rodeia, as atmosferas (incluindo as urbanas) são quase-coisas (Griffero, 2013). Elas são um exemplo dessa síntese passiva, em grande parte intersubjetiva e holística, que precede a análise e influencia desde o início a situação emocional do observador, resistindo além de qualquer tentativa consciente de adaptação. A atmosfera de uma cidade, então, constitui uma "presença" influente, em alguns aspectos semelhante aos poderes demoníacos e "influenciadores" (no sentido espiritual, N.T.) ou à cor atmosférica esteticamente espalhada no espaço circundante por ocasionais edifícios e suas fachadas¹. Tal percepção é fato real para um observador sensível a um "urbanismo não utilitarista" (Vazquez, 2010, p. 37), mesmo que não estejamos necessariamente convencidos do poder metamórfico total sobre a ambiência de uma deriva situacionista (que poderia tornar belas até as coisas mais sem graça!) (ibid., p. 38, 66). Como em toda experiência subjetiva específica: a) que está inextricavelmente ligada a processos corporificados (obviamente no sentido do Leib² fenomenológico ou do corpo sentido) e b) que pode ser caracterizada por uma microgranularidade qualitativa inacessível a uma perspectiva naturalista-epistêmica (possível somente na terceira pessoa), acredito que a atmosfera seja, em suma, mais um estado "espacial" do mundo do que um estado psíquico muito particular³. Contudo, se interpretarmos "meu" sentimento não como algo que temos, mas, como algo que "possuímos", pressupõe-se a derrubada de uma metafísica introjetiva (invenção da *psique*) amplamente dominante em nossa cultura. Trata-se de uma "campanha" agressiva de des-psicologizar a esfera emocional e de externalizar os sentimentos⁴, entendidos como restrições ou *affordances* situacionais que, como nas condições climáticas, modulam o espaço vivido pré-dimensional, cuja presença sentimos⁵ e, conseqüentemente, também

Coordenadora do Proarq/UFRJ (2020-2022 e 2022-2024). Arquiteta e Urbanista e Jovem Cientista do Nosso Estado. Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFRJ, concursada desde 2006. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001) - tendo se graduado com Magna Cum Laude, mestrado em Arquitetura (2004) e doutorado em Arquitetura (2010), ambos pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura- Proarq/UFRJ. É pesquisadora associada à Rede Internacional de Ambiances (ambiances.net).

Para a realização desta versão em Português do texto "The atmospheric "skin" of the city", de Tonino Griffero, publicado pela Routledge em 2013 por meio da Rede Internacional Ambiances, ficou determinado entre tradutora e autor que o conjunto de grandes parágrafos repletos de questionamentos e desenvolvimentos textuais seria mantido, além dos hibridismos de termos, de modo a expressar a forma e a "anatomia" original dos pensamentos do autor. Para a realização desta tradução a tradutora e a Revista Thésis agradecem à Rede Ambiances e à Pesquisa UMR 1563 - Ambiances Architecturales et Urbaines, nas pessoas dos profs. Jean-Paul Thibaud, Damien Masson e Rainer Kazig, e ao autor, Prof. Tonino Griffero - que gentilmente cedeu o direito de versão e publicação.

¹ Ver Otto (1989); Merleau-Ponty (2003, p. 353, 417).

² "Corpo", em alemão, no sentido de referência a diversas teorias insurgentes sobre o valor do corpo, despontadas na Alemanha desde a Fenomenologia de Hursserl e Heidegger (N.T.)

³ Schmitz (2003, p. 181); Klages (1976, p. 349; 1979, p. 449).

⁴ Para uma abordagem inicial à filosofia das atmosferas ver Tellenbach (2013), Schmitz (1969; 1998; 2006; 2011), Böhme (1989; 1995; 1998; 2001; 2006a; 2006b), Hauskeller (1995), Griffero (2010a; 2014), Thibaud (2012) e Rauh (2012).

⁵ Ver Gibson (1999); Griffero (2009; 2010b).

modulam nosso estado de espírito. Como impressões penetrantes que antecedem a distinção sujeito/objeto, a “autoridade” dos sentimentos ressoa nas “ilhas” (e não nos órgãos internos) de nosso corpo sentido⁶.

Por mais contra-intuitivo que seja – estamos, afinal, tentando pensar sobre a esfera emocional como era concebida antes da “psiquização” (século V a.C.), ou seja, antes que o thymos⁷ extra-pessoal demoníaco fosse relegado a uma esfera psíquica privada e inventada (psique) (Rappe, 1995) – essa concepção estético-fenomenológica do sentimento atmosférico como antagonista pré-subjetivo e pré-objetivo (Schmitz, 1969, p. 102) visa corrigir o dualismo dominante e questionar uma explicação puramente projetiva dos sentimentos externos. Não aspiramos a uma regressão impossível a um modo de vida pré-introjetivo, mas, simplesmente, a um reequilíbrio saudável da ontologia psíquica predominante. Deixando de lado aqui uma teoria mais exaustiva das atmosferas⁸, bastará por ora apontar brevemente que as atmosferas não são acessíveis a uma percepção representativa extraocular, mas, sim a uma [percepção] deambulatória e sinestésica. E que as atmosferas nos colocam como quase-coisas que, independentemente de sua imprecisão constitutiva – que só pode ser estigmatizada por aqueles que idealizam o *pathos*⁹ naturalista da certeza – irradiam efeitos amplamente compartilhados e, em todo caso, não imputáveis a sensações subjetivas ocasionais, pelo menos dentro de determinadas culturas homogêneas.

Figuratividade Urbana (ou Familiaridade?)

Da mesma forma que o perfume de uma rosa sobrevém à materialidade da flor, a atmosfera de uma cidade sobrevém à materialidade urbana (Hasse, 2008b, p. 103), e isso se deve a uma enorme constelação de fatores: situação geográfico-climática, condição histórica e socioeconômica, qualidade arquitetônico-infraestrutural, expressividade de valor, linguagem, e assim por diante. Como uma multiplicidade caótica que se distingue por uma significação internamente difusa (Schmitz, 1998) e, como tal, mais descritível do que rigorosa e conceitualmente definível, a cidade possui uma poderosa carga atmosférica, muitas vezes cristalizada ou sintetizada memorialmente, nas palavras de Benjamin, como “imagens do pensamento”. [A cidade] possui, poderíamos dizer, uma “pele” emocional e polissensorial própria (Hasse, 2000, p. 168; 2002b; 2003; 2008a), tanto que a paisagem urbana torna-se um marco psico-tópico, o centro dos mapas

⁶ Sobre “ilhas corporais” ver Schmitz (1965) e Griffero (2010d; 2013).

⁷ Thymos é um termo utilizado por Platão como representação da intelectualidade, e do mundo inteligível. Para Platão, o thymos era o “mundo das ideias”, por isso, ligado ao espírito e, muitas vezes, a esfera desejante dentro de nós. Acima de tudo, em sua Teoria Tripartite da Alma, as três partes em questão: a razão, o espírito e o desejo (em grego, logos, thymos e eros) deveriam funcionar em equilíbrio em todo ser vivente racional, para não sermos consumidos por ideias demoníacas (N.T.).

⁸ Griffero (2010a; 2014). See also Griffero (2006; 2009; 2010c).

⁹ Sentimento de piedade ou de ternura e melancolia empática (N.T.).

mentais, obviamente mais emocional do que cognitiva, em que toda a cidade (vivida) é fisionomicamente condensada. É uma pele – relembro aqui outra determinação ontológica e quase objetiva de atmosferas (Griffero, 2010a, p. 127-128; 2013, p. 15) – que não é de modo algum propriedade do objeto (de qual objeto?), uma mera concha para algo mais essencial dentro; é uma qualidade que as coisas não “têm”, mas, na manifestação da qual, as coisas se extinguem. É um modo-de-ser penetrante (Metzger, 1971, p. 77-78) que gera o espaço afetivo no qual (literalmente) entramos, uma “pele” corpórea¹⁰ com a qual seu “personagem” se identifica totalmente.

¹⁰ Sua metáfora indica a indistinção do espaço físico e do espaço vivido, e do corpo físico e do corpo sentido (do observador) (Hasse, 2000, p. 118, 133).

A imagem da cidade pode ser comprometida pela ruptura entre forma e função, bem como pela dissolução de vínculos comunitários tradicionais (Damisch, 1998, p. 30) e, no entanto, cada cidade pode continuar a expressar “um estilo específico, uma gíria ou dialeto, ou uma forma de humor que às vezes tem um rótulo especial” (Rykwert, 2003, p. 271), ou seja, uma atmosfera. Seja sua imagem superficial ou vivida intensamente, a atmosfera urbana ainda é como sempre “um ser que nos enfeitiçou, do qual não podemos nos separar; continuamos seus filhos ou seus visitantes tímidos” (Mitscherlich, 1968, p. 32), a menos que nosso estado de espírito seja tão anestésico que nos impeça de perceber cognitivamente¹¹, senão compartilhar, a atmosfera existente – uma atmosfera que naturalmente pode se diferenciar e eventualmente colidir com o que experimentamos em áreas residenciais ou não estritamente residenciais (como mercados, portos, estações, etc.), gerando um mapa emocional que consiste, por um lado, em amplificar, ligar ou separar ilegitimamente singularidades urbanas para obter uma imagem padrão (e fatalmente estereotipada) e, por outro, rejeitar o estratagema retórico do *pars pro toto*¹², de dissolver o tecido urbano em ilhas atmosféricas.¹³

¹¹ As atmosferas, para nós, não existem apenas quando ocorrem, mas, também quando são planejadas (é o que Böhme chama de “trabalho estético”) e quando são notadas, mesmo sem termos sido encantados por elas. Ver também Hasse (2008b, p. 108).

¹² Expressão Latina para “uma parte (tomada) para o inteiro”; é uma figura de linguagem em que o nome de uma parte de um objeto, lugar ou conceito é usado ou considerado para representar sua totalidade (N.T.).

¹³ “Unidades de ambiência, mais do que pequenas ilhas espalhadas, são continentes que se movem sobre as superfícies das cidades, que tendem a se afastar, aproximar, fragmentar-se e dividir-se ao longo de linhas de falhas, movidos pelas forças de atração apaixonada” (Vazquez, 2010, pág. 133).

¹⁴ Uma clara referência ao pesquisador Jean-Paul Thibaud e seu método construído (2001).

¹⁵ O que pressupõe a) a impossibilidade de uma superposição, b) a interação entre dizer e perceber e, em última análise, precisamente a c) deambulação.

A cidade possui uma pele atmosférica, certamente menos superficial, mesmo em termos de paisagem que se percorre: atravessada pelo *flâneur*, substituído urbano do “promeneur” (Benjamin, 2002, p. 471, 473) ou pelo psicogeógrafo à deriva (Careri, 2006; Vazquez, 2010), ou, e com maior fiabilidade científica, pelo sociólogo urbano, cujos “parcours commentés”¹⁴, fruto de uma percepção *in situ* cuidada e interdisciplinar¹⁵, sublinham o facto de a ambiência tangível ser co-determinada pela meio físico, por fenômenos percebidos, mas também por comportamentos sociais como incorporação, atualização e pela reconfiguração do potencial perceptível do lugar percorrido (Thibaud,

2001, p. 97-98). A atmosfera de uma cidade, assim, é gerada também pelo caminhar, entendido como espaço de enunciação (de Certeau, 2005, p. 151), cuja língua seria o sistema urbano, e ao qual se seguiria um processo, esperançosamente subversivo de apropriação topográfica, interpretação espacial do lugar e negociação pragmática. Como resultado intermitente de um processo (também) real, as atmosferas urbanas encarnam perfeitamente o fato de que todas as atmosferas, por oposição às coisas em sentido estrito, aparecem e desaparecem, sem a possibilidade de se perguntar onde e como existem quando não são percebidas.

Seja esta a síntese parcialmente reflexiva de um método ou um *a priori* exclusivamente impressionista, a atmosfera urbana, em todo caso, se manifesta como uma qualidade penetrante (Dewey)¹⁶, às vezes apenas superficial e preliminar, metafórica e meramente virtual: vistas da cidade conhecidas apenas através do cinema – como o *skyline* de Manhattan, visto de perspectivas frontais, ou aéreas normalmente impossíveis¹⁷ – derivam sua força icônica de processos sempre parcialmente subjetivos como o *pars pro toto* e a oclusão mais ou menos intencional de algumas partes, como se percebe pela síntese de cidades como Moscou (imediatamente após a revolução), Las Vegas e Los Angeles em termos, respectivamente, de austeridade e hesitação, de espetáculo permanentemente alucinado e teia de fluxos infinitos (Thibaud & Thomas, 2004). Tal atmosfera urbana não pode ser considerada menos eficaz apenas porque deriva das impressões distais de quem contempla a cidade de uma perspectiva mais elevada do que das (mais autênticas?) impressões de quem experimenta a cidade de maneiras diferentes, talvez encontrando lugares inesperados, uma cidade paralela, percorrendo-a e construindo novas psicogeografias¹⁸. Além disso, a atmosfera urbana é uma imagem que rapidamente se torna um mito à medida que “na verdade vamos a esses lugares, vamos lá com a ideia de fazer algumas coisas e não outras” (Marback, Bruch & Eicher, 1998, p. 6). Somos condicionados a fazê-lo por biótopos, mas também psico-tipos ou seja, por “pontos em que a alma se aquieta [e que] constituem, para quem deve o que é também a esta cidade, uma parte de sua autoconfiança” (Mitscherlich, 1968, p. 16)¹⁹. Na cidade – discutivelmente uma remanescente secularizada da pátria (Hasse, 2000, p. 52) – “cada pedaço de mundo [é] cada vez mais subtraído de seus elementos sinistros e menos tranquilizadores” (ibid., p. 120). Isso também se deve à eficácia de uma atmosfera insubstancial, de uma aura vital qualitativa (e

¹⁶ Alusão à John Dewey, filósofo e pedagogo norte-americano representante da corrente Instrumentista, um dos fundadores da escola filosófica de Pragmatismo, juntamente com Charles Sanders Peirce e William James (N.T.).

¹⁷ De outros pontos de vista, de fato, Manhattan “se projeta para fora de um deserto formado por destroços industriais, trilhos e quadras fragmentadas” (Knodt, 1994, p. 9).

¹⁸ Amin & Thrift (2001, p. 28-48) imaginam uma integração das ações do “flâneur”, ritmos urbanos e “pegadas” do passado.

¹⁹ “Apoio psíquico [...] ao qual se deve dedicar um interesse uniforme, para o qual devemos nos voltar com uma afetividade constante” (Mitscherlich, 1968, p. 56).

ativa e pré-reflexiva), como fica implícito afinal pela escolha do termo *Ambiência* (Thibaud, 2003, p. 284; 2012; Carnevali, 2006), cuja organização hipotética se enquadra nas tarefas das ciências humanas e possivelmente daquelas instituições cuja função é “estabelecer virtualmente uma identidade” (Müller & Dröge, 2005, p. 100). Não devemos, contudo, subestimar dois elementos: a) que muitas atmosferas urbanas são o resultado inconsciente do planejamento (heterogênesse de objetivos), como no caso de Manhattan, que oferece a seus habitantes “o espetáculo, inscrito em pedra, concreto e aço, de um modo de vida obedecendo a um programa bem diferente, respondendo a uma questão bem diferente daquela da ‘habitação’” (Damisch, 1998, p. 153) – os resultados, porém, ficaram longe do esperado; b) que as atmosferas são às vezes mais um inconsciente transcendental, uma condição perceptiva de fundo, do que um objeto da consciência, de percepção transitiva (Thibaud, 2003, p. 293).

Se assumirmos que algumas situações que prescindem totalmente de *Atmosfera*, estas definidas por uma nitidez desprovida de auras retencionais e protensionais (Fränkel & Joel, 1927, p. 91ss.) são patológicas, então temos que admitir que o “caráter” (fisionômico) mais frequentemente envolvido na percepção urbana é o da “familiaridade”. Essa noção, no entanto, possui muitas vozes. A atmosfera urbana parece familiar quando a cidade permite que mesmo os recém-chegados se sintam em casa ou estejam no controle de sua existência, graças, por exemplo, a um esquema uniforme de percurso ou à oferta de estilos cinéticos sincronizados e intuitivos. Isso vale também para as cidades que dão estaque a poderosas sugestões de mobilidade por impulsos sonoros que influenciam²⁰ não tanto “o que” somos persuadidos a fazer, mas “como” o fazemos (Thibaud, 2003, p. 290f.). E, possivelmente, em primeiro lugar, quando oferece direções reversíveis: do mesmo modo que fazemos em casa, decidimos se vamos de um quarto para o outro sem nenhum motivo em particular, e onde podemos sentar ou deitar numa poltrona; então, nos sentimos “em casa” naquelas cidades onde podemos nos “perder” sem nenhuma aprovação social, onde não somos obrigados a focar exclusivamente no que está à nossa frente e nos movemos perceptivelmente em todas as direções, sem exigir reviravoltas funcionais (psicológicas, nem corporais), onde, enfim, é tão fácil ser hóspede de alguém quanto hospedá-lo reciprocamente (Schmitz, 2008, p. 34). A familiaridade aqui, da qual não devemos de modo algum omitir os efeitos colaterais (como a vida provinciana às vezes sufocante), não parece

²⁰ Com exceção de casos extremos (o barulho da torcida em um estádio ou a meditação silenciosa na igreja).

contrastar totalmente com o que é exigido pelos apologistas da subversão hodológica²¹, para quem o movimento não é alienante apenas quando produz uma exceção (circunscrita) ao uso predominante das ruas, meramente funcionais, mas à sua continuação possível no infinito e à sua rígida rotina cinética (pedestres, carros, bicicletas etc.). Em todo caso, poderíamos definir como inóspita a atmosfera de uma cidade que seja desprovida de identidade, urbanisticamente incoerente, contra-intuitiva em seu sistema viário, carente de trajetórias/atalhos e nomes capazes de gerar uma magnetização semântica (de Certeau, 2005, p. 158, 160, 164), percebida apenas como um local de residência e trabalhos forçados: percebida, em outras palavras, como um "lado de fora", no qual nunca poderemos nos sentir em casa.

Decerto não é uma descoberta recente que a toda cidade expressa uma atmosfera específica. A noção de atmosfera urbana é antecipada, por exemplo, pela atmosfera de "efeito", escolhida por Sitte (1889) como conceito-chave de um urbanismo pictórico-orgânico inspirado no impressionismo tardio, que poderia contrastar ao priorizar lugares de valor (Venturi Ferriolo, 2009, p. 172.), ou a progressiva anestesia do urbanismo moderno (monótono, antinatural e sem harmonia, Porfyriou, 2010). Ao contrário, a atmosfera é antecipada também pela mais recente noção de imageabilidade urbana, com a qual vislumbramos, independentemente da objetividade cartográfica, um encontro entre o sujeito e certas qualidades objetivas²² que podem gerar uma imagem poderosa e identitária dos lugares (Lynch, 1971, p. 31-32), significativamente ausente na chamada "gentrificação": uma atmosfera-figuratividade estimulada tanto pela facilidade com que se orienta,²³ quanto pelas performances²⁴ qualitativas mais sofisticadas, visando a legitimação de identidade (Damisch, 1998, p. 32). Assim, "a identidade do lugar está intimamente ligada à identidade pessoal. 'Eu estou aqui' sustenta 'eu sou'" (Lynch, 1981, p. 134). Além disso, a paisagem olfativa²⁵ e a paisagem acústica (no sentido mais amplo)²⁶ também devem ser levadas em consideração, com variações de acordo com a nacionalidade, clima, costumes e tradições.

Ensaçando uma exemplificação ampla, mas, longe de ser exaustiva, a atmosfera será diferente se a cidade for histórica, cheia de ruínas que sugerem a vingança da natureza sobre a soberba racionalidade das ações humanas (Simmel, 1984) e, em todo caso, capaz de envelhecer com dignidade, sem dar lugar à rejeição

²¹ O conceito "espaço de vida" (*lebensraum*) do psicólogo Kurt Lewin (1890-1947), é baseado em sua compreensão de que o comportamento humano é função simultânea da pessoa e do ambiente. Em outros termos, o "ambiente psicológico total" inclui tanto a dimensão geográfica objetiva quanto as valências qualitativas do espaço. Assim, surge a ideia de "caminhos privilegiados", pelos quais o mundo é apreendido em nossa deambulação, e a cuja teoria Lewin deu o nome de hodologia (N.T.).

²² Um "entre" possibilitado pela co-presença (corpórea, mas também social e simbólica) de sujeito e objeto (Böhme, 2001, 2006a) e não apenas difícil de localizar nos dois polos (Thibaud & Thomas, 2004, p. 108), mas, a rigor, mesmo antes deles.

²³ "Basta que um marco espacial permita ao visitante se orientar e imediatamente os mais ávidos agentes imobiliários começarão a chamá-lo de 'ponto de identidade'" (Rykwert, 2003, p. 165).

²⁴ Segundo Lynch (1996): vitalidade-significado-coerência-aces-sibilidade-controle, e mais dois meta-critérios, como eficiência e justiça.

²⁵ "Os cheiros permitem identificar lugares e identificar-se com lugares" (Böhme, 1998, p. 50).

²⁶ Segundo Böhme (*ibid.*, p. 64) é possível distinguir acusticamente os lugares, mesmo entre as zonas peatonais das várias cidades alemãs.

e ao desejo (Fromm, 2008, p. 71), também estético, de demoli-la rapidamente; ou se for uma cidade nova, talvez reconstruída com atenção ao passado, possivelmente produzindo um resultado “kitsch”; se a cidade possui um centro animado ou áreas equivalentes a este centro, bairros satélites ou mesmo agradáveis cidades-jardim; se é urbanisticamente compacta ou se foi planejada de acordo com um alto índice de zoneamento; se isola as pessoas em prédios residenciais semelhantes a silos, com uma distinção marcante entre cidade alta e baixa, ou se ainda inclui condomínios fechados (possivelmente desenvolvidos verticalmente: arranha-céus e coberturas); ou se permite a quem a habita uma proximidade constante. A atmosfera também será diferente se a cidade for composta por ruas estreitas e vielas sinuosas refratárias ao tráfego de veículos e, portanto, aparentemente feitas para “o povo”; ou se for constituída por grandes avenidas e autoestradas arborizadas. Se relega sua socialização aos shoppings ou se há uma rua principal (diferente do ponto de vista atmosférico, diga-se de passagem, se for uma rua específica e notável, ou comum a determinado uso), ou quem sabe possui uma ampla praça no estilo das cidades latinas, cuja identidade como lugar de passagem ou de lazer (teatros, parques e cafés) nas cidades históricas europeias é percebida poderosamente quanto mais chegamos a esses grandes espaços por meio de ruas estreitas, ou de espaços que nos exasperam pela concentração de carros, ou são experimentados em sentidos forçados pela direção das ruas (Kazig, 2008, p. 153). Além disso, diferentes atmosferas derivarão da existência de um *skyline* simbolicamente carregado, da acessibilidade ou privação ameaçadora de acesso aos edifícios²⁷, da presença de um museu capaz de “criar um novo tipo de atmosfera pública” (Rykwert, 2003, p. 297), atraindo o culto dessa religião mundial que o turismo (também em sua forma elitista) se tornou hoje. As atmosferas serão diferentes mais uma vez, como é o caso das cidades pequenas, ou mesmo das cidades maiores – dentro de seus “recortes espaciais notáveis” (Vazquez, 2010, p. 84), se pudermos fazer emergir uma maneira para identificar com precisão todas as atividades comerciais essenciais (como em: aqui é a padaria, aqui é a farmácia, etc.). E se as estradas não levam a uma vastidão indeterminada, mas ligam com segurança (ou seja, sem exigir um estado de consciência constante e alerta de possíveis perigos) a lugares socialmente estabelecidos em grande parte reversíveis. No sentido oposto há uma diferente atmosfera nas metrópoles desorganizadas, com uma disponibilidade alucinante de atividades comerciais,

²⁷ A atmosfera dos arranha-céus mais antigos de Nova York (“bases porosas, atravessadas por espaços semi-públicos e comerciais de vários tipos”, lobbies “propositalmente projetados para serem exibidos ao público”) desapareceu dos arranha-céus mais recentes, comprovando assim o fracasso do sonho igualitário americano (Rykwert, 2003, p. 273).



muitas fundamentalmente equivalentes entre si, e as ruas parecem não ter propósito, levando a lugares tão semanticamente "vazios" que podem ser considerados, efetivamente, não-lugares.

A atmosfera (desaxiologizada)

Devemos, portanto, dissipar alguns equívocos. Em primeiro lugar, que uma cidade meramente construída (a chamada região urbana) é *ipso facto* desprovida de atmosfera. Que apenas o centro histórico, a cidade "antiga" e/ou "cidade consolidada"²⁸ tem uma atmosfera, em detrimento dos subúrbios ou periferias, erroneamente já considerados incapazes de induzir experiências. Finalmente, que a atmosfera de uma cidade tem que ser necessariamente semelhante à que se respira em uma pequena cidade, tipificada por situações que não estão acontecendo, ao contrário, estão acessíveis, e por repetições de rotinas (Schmitz, 2008, p. 37).

O fato é que devemos considerar as atmosferas mesmo quando emanando de lugares urbanos pacatos na vida metropolitana anônima, que "como oásis para que o indivíduo se encontre consigo, como espaços sentimentais capazes de acalmar, criar identidade e promover bem-estar terapêutico" (Fromm, 2008, p. 90), satisfazem cada vez mais a nossa necessidade de sentido (cinemas, restaurantes, museus, escritórios, jardins, estacionamentos, etc.). É verdade que descobrimos o apelo de algumas avenidas apenas quando estão fechadas ao trânsito, mas o fato é que elas exalam algum tipo de atmosfera – talvez negativa – mesmo durante o pior engarrafamento. Em suma, e afastando-se das tentações regressivas neorromânticas que nunca estão totalmente ausentes no discurso atmosferológico: não há atmosfera apenas onde reconhecemos uma reunificação situacional orgânica (à la [John] Dewey), onde os edifícios estão em ruínas (sem estarem completamente degradados)²⁹, mas também onde experimentamos um inquietante nivelamento dos lugares, onde um espaço fragmentário e, como tal, carente de um núcleo de valor específico, é o cenário de uma agitação anônima. Em outras palavras: a teoria segundo a qual podemos considerar estética apenas a exposição a espaços estranhos e provocativos, por isso mais passíveis de interpretação (Haapala, 2004, p. 49-51), é excessivamente condicionada por um modelo derivado de vanguardas do século XX. No entanto, é apenas em nome de uma crítica cultural preconcebida e nostálgica que descartamos o fato de uma atmosfera poder manifestar-se "mesmo na chaminé de uma fábrica, num bloco habitacional feito de

²⁸ Mais atmosférica talvez apenas porque, estando há algum tempo integrado na paisagem original e tendo sofrido um desenvolvimento gradual e orgânico, não está sujeita à avaliação crítica [da cidade suburbana] (Gombrich, 1991, p. 264-278).

²⁹ Como Peregalli (2010) nostalgicamente se refere.

lajotas terracota, num hotel que lembra um acampamento" (Klages, 1940, p. 282).

Como resultado de uma auto representação urbana, mesmo a inospitalidade da cidade contemporânea é uma atmosfera, talvez, e infelizmente, sob o pretexto de um "pesadelo petrificado" (Mitscherlich, 1968, p. 29). Afinal, não é verdade que até mesmo os pátios sufocantes e os becos sujos encontrados em Dickens exalam sua atmosfera específica? A "intensificação da vida nervosa" prenunciada por Simmel (1995, p. 36), a indiferença emocional e a cultura objetiva produzida pela urbanização europeia, em que "tudo parece plano, cinzento, sem graça, incapaz de inspirar qualquer preferência" (ibid., p. 54 e 43) é, por sua vez, uma atmosfera de superficialidade e "nervosismo". Da mesma forma, uma "paisagem" é tal mesmo quando desfigurada pelo artifício, e podemos chamar de atmosférico até mesmo o envolvimento emocional e corporal negativo que sentimos na cidade mais caótica e anônima, em lugares frios e abstratos, mesmo nos chamados não-lugares. Tendo devidamente desaxiologizado a noção de "pele" atmosférica (Hasse, 2002a), podemos afirmar que mesmo "uma estrada com uma longa e estereotipada fachada de casas semelhantes entre si não é, de forma alguma, uma estrada neutra em termos de forma, mas, ao contrário, muito eficaz na experiência devido à sua monotonia exaustiva, que é sentida e rejeitada como sendo fria, anônima, ausente e provocantemente 'sem lugar'" (Lorenzer, 1968, p. 70).

Vivendo como em um "cultivo" imersivo de atmosferas

Apesar do fato de que a "pulsão escópica e gnóstica" (de Certeau, 2005, p. 144) nos levar a privilegiar a vista aérea de uma cidade, a qualidade atmosférica de uma cidade deriva naturalmente de seu caráter arquitetônico imanente, que, quando "atmosfera e estado de espírito, [oferece] a sensação perfeitamente temperada de seus espaços construídos [e] é imediatamente comunicada aos espectadores, moradores, visitantes e vizinhança imediata" (Labs & Ehlert, in Zumthor, 2006, p. 7). Decorre, por outras palavras, de um padrão interiorizado ("habitabilidade") que a arquitetura deve levar em conta, para não oferecer utopias filosóficas, mas, "experiências vividas" (Janson, 2005, p. 147), e que a "medida 'experimental' da qualidade de um ambiente ou de um elemento ambiental" depende não apenas de aspectos funcionais, mas, de "aspectos emocionais, comunicacionais e simbólicos, típicos da relação entre as pessoas e a



estrutura físico-espacial” (Bonaiuto, Bilotta & Fornara, 2004, p. 36, 9). Mesmo aqueles que demolem um edifício às vezes são obrigados a preservar de alguma forma o espírito do lugar, por exemplo, reutilizando elementos deste em outras obras (Koolhaas, 2000).

Distanciando-se de uma apologia (excessivamente pós-modernista) da experiência urbana vivida, em detrimento de uma experiência menos descontínua e, como tal, mais reflexiva, é preciso, no entanto, sublinhar que o projeto, enquanto *mise-en-scène* de experiências intimamente ligadas ao potencial expressivo do corpo vivo (Meisenheimer, 2006), não deve e não pode desconsiderar “como nos sentimos” no espaço projetado. Não se pode subestimar o fato de que mesmo a sombra projetada por um edifício, que invade o espaço vizinho, determina um poderoso efeito estético e corporal (e, portanto, atmosférico)³⁰: da irritabilidade à insônia, à dificuldade respiratória e à desvalorização estética do lugar, etc. Como toda *Gestalt*, os edifícios “podem nos comunicar apenas o que nós mesmos expressamos com suas qualidades, [isto é] relações de peso ou dureza, todos aqueles aspectos que para nós possuem um valor expressivo [...], os grandes *sentimentos da vida*, que têm como premissa a condição duradoura dos corpos” (Wölfflin, 1985, p. 30; itálico do autor). Isso também explica o efeito orgânico-cinestésico da ótica, e especialmente da simetria e assimetria, como “órgão mais direto de expressão” (ibid., p. 35) e nos músculos (ibid., p. 33). Embora teoricamente debilitado³¹, infelizmente em parte ainda projetivo³² e às vezes muito ingênuo em suas associações (peso=nostalgia, simetria=bem-estar, janelas=olhos, arco redondo=felicidade etc.), a abordagem de Wölfflin do final do século XIX já corretamente remonta à percepção formal de sentir-se afetivamente e corporalmente na presença de outra coisa (Böhme, 2006a, p. 110).

Ao gerar “orientações, sugestões cinéticas, marcadores” (Böhme, 2006a, p. 113), os edifícios produzem uma ampla gama de atmosferas na cidade. Por vezes até pela sua sonoridade metafórica – “há edifícios que ressoam maravilhosamente, que me dizem: estou seguro, não estou só” – ou por sua temperatura “física e muito provavelmente psíquica” (Zumthor, 2006, p. 33, 35): pense-se, por exemplo, na frieza burocrática sugerida por um edifício totalmente ‘fechado’ (de vidro ou granito). Quer sejam edifícios capazes de poderosas sugestões ligadas ao *pathos*³³ ou sensações de constelações urbanas ao ar livre, que permitem autênticos espaços roteirizados (Klein, 2004, p. 11) [como em centros urbanos noturnos], as atmosferas

³⁰ Com relação à instalação de turbinas eólicas, ver Hasse (2005, p. 377-387). Ver também Wendorf et al. (2004).

³¹ “A questão de saber se é a história física do corpo humano que condiciona as formas da arquitetura ou vice-versa nos levaria longe demais para ser discutida neste ensaio” (Wölfflin, 1985, p. 73, 57). Mas este é precisamente o ponto que merece discussão!

³² “O que sabemos de nós mesmos, a sensação que o espreguiçamento confortável e relaxante nos traz, *transpomos* para este tipo de distribuição de massas e aproveitamos a serena tranquilidade que edifícios deste tipo despertam em nós” (ibid., p. 54; itálico do autor).

³³ Conforme explicado acima, que estimula o sentimento de piedade ou de tristeza, ou de compaixão ou empatia (N.T.).

urbanas, que não mais pertencem apenas à relação de espiritualidade ou ao poder, mas, também ao consumo, forçam o observador a "mergulhar neles" (Bieger, 2007), ou mesmo alternar rapidamente entre imersão e emersão (Bieger, 2011, p. 93). Responsáveis pela "compreensão imediata, contato imediato, rejeição imediata" (Zumthor, 2006, p. 13), e geradas fundamentalmente por tudo – "coisas, pessoas, ar, ruídos, tom, cores, presenças materiais, estruturas e também formas" (ibid., p. 17)³⁴, as atmosferas modulam de forma *pática* o espaço pericorpóreo do observador.

³⁴ Um exemplo seria a inversão da ordem hierárquica-simbólica e, portanto, da ordem atmosférica também, produzida por elevadores (Simmen & Drepper, 1984) e pelo uso generalizado de vidro e aço (Böhme, 2006a, p. 86-87, 116-118; Zumthor, 1999, p. 22). Ver também Hasse (2008b)

Chegou a hora de "passar para a sala-de-estar", de passar a habitar como uma "terceira pele" (Funke, 2006), o que não consiste em ter um teto sobre a cabeça, mas, em "inscrever coisas e lugares de um ambiente, neutro em seu significado, dentro de um perfil de significância pessoal" (Hasse, 2008a, p. 109). Habitar equivale a tornar o espaço não-euclidiano e, portanto, anisotrópico, promovendo, portanto, uma nutrição de sentimentos atmosféricos possíveis apenas quando "em casa". Pode ser que a autorrealização hoje dependa excessivamente da esfera privada e possa degenerar para uma "tirania da intimidade" (Sennett, 1977) ou uma obsessão defensiva e imunitária (Sloterdijk)³⁵, mas não há dúvida de que o lar é um gerador muito especial de atmosferas (plurais!). Mais uma vez, estes [os lares] são diferentes se são prototípicos (objetivos, externos e não intencionais), derivativos (objetivos, externos e produzidos intencionalmente) ou decididamente espúrios em sua natureza relacional (subjativa e projetiva). E diferentemente, mais dependentes, para dar apenas um exemplo, da mudança do critério de organização dos ambientes - uma vez ligados entre si (como uma atmosfera de "estação ferroviária"), ou posicionados em torno de um corredor ou hall (de onde derivou uma atmosfera doméstica mais estável) e, finalmente, dissolvido nos grandes espaços abertos de hoje, com sua atmosfera ilusória de vastidão e liberdade. É óbvio que não apenas a estética muitas vezes abstrata e a atmosfera concreta divergem, como é o caso, por exemplo, quando móveis elegantes inibem uma conversa (Hall, 1968, p. 133, 141), mas também que a "satisfação residencial" como "resposta de avaliação possível sobre o prazer ou gratificação de viver e habitar um determinado lugar" (Bonaiuto, Bilotta & Fornara, 2004, p. 47), nunca deve ser confundido com símbolos de status contingentes; nem, por exemplo, com o fetichismo da higiene doméstica, nem com o privilégio da sala-de-estar como espaço formal, como "sala majestosa fora de um castelo" (Mitscherlich, 1968, p. 115, 122). Independentemente do sucesso, a cultura do

³⁵ Uma segregação que, por outro lado, é contrariada pela porosidade das paredes domésticas [em contato com] (satélites, internet, telemóveis, etc.).

habitar, até o momento de dizer "venha me ver" querendo dizer "venha à minha casa" (Dürckheim, 2005, p. 93), é, em todos os sentidos, uma procura da atmosfera ideal, tão protetora da privacidade quanto capaz de satisfazer as necessidades sócio-expressivas dos habitantes. Atmosfera e domosfera estão, assim, indissociavelmente ligadas, pois "morar é sentir sentindo-se, perceber percebendo-se" (Vitta, 2008, p. 97), uma disposição corporal sentida que, fundindo *aisthesis* e *pathos*, é produzida não só pelo conforto e calor doméstico³⁶ mas também pela possibilidade de simplesmente sentar-se numa poltrona e, fechando os olhos, entrar subitamente num "mundo novo" (Schmitz, 1977, p. 207).

Conclusão

Apenas esbocei uma análise atmosférica da vida urbana. Devemos agora ir além da ingênua, mas, inegável sensação de que se retirássemos a praça de uma determinada cidade não a perceberíamos atmosféricamente como uma extensão do espaço (e como consequência da habitabilidade), e empreender uma análise estética e psicossocial capaz de contextualizar essa impressão imediata em um discurso sobre a cidade como um estado de espírito global. Um discurso também capaz de distinguir coisas e situações para as quais a capacidade de evocar certas atmosferas no espaço urbano é inerente de forma relativamente constante daquelas que, pelo contrário, o fazem apenas ocasionalmente, dependendo, em outras palavras, tanto da constelação de que se tornam parte e do estado subjetivo de quem as considera.

No caso da atmosfera urbana, entendida como síntese peculiar quase-objetiva de "êxtase" de materiais, de estados de espírito (possivelmente manipulados) e de processos de comunicação socialmente necessários, devemos, em todo caso, evitar qualquer flutuação perigosa entre polaridades extremas, como a anomia de liberdade absoluta (e apenas aparentemente emancipatória) e a viscosidade de um apelo (sempre regressivo) por alguma forma de pátria/berço. Isso nos levaria a reconhecer a "capacidade arquetônica", no entrelaçamento da significação urbana e da liberdade, que é justamente a cidade, como "máquina de tolerância" (Janson & Wolfrum, 2008, p. 107, 103), como um playground para desvios psicogeográficos em busca de trajetórias apaixonantes, ou ambiências tão variáveis quanto as placas geológicas (Vazquez, 2010, p. 51), que é habitável [a cidade] não apenas quando uma parte privada é controlada³⁷ – apesar da indiscutível necessidade de alguma forma de proteção

³⁶ Personagens que são descaradamente sinestésicos, mesmo que sejam relativamente variáveis. Para um americano e para um alemão, por exemplo, "a porta aberta e fechada não tem de forma alguma o mesmo significado" (Hall, op. cit., p. 169).

³⁷ Talvez até a estetização solipsista dos lofts/apartamentis de onde o carro do dono, estacionado, pode até ser constantemente visto (ver Hasse, 2008a, p. 120ss.)

contra atmosferas exógenas interferentes – mas também quando é vivida, até que os traços dos ocupantes sejam impressos livremente nela (de Certeau, 2005).

Mas, novamente, prossigamos deixando de lado as tentações neorromânticas e movimentistas. As derivas situacionistas, por exemplo, não são necessariamente mais atmosféricas que a *flânerie*, injustamente pensada (politicamente) como forma nefasta de enraizamento identitário (idiotia) e defesa do existente (Vazquez, 2010, p. 188, 87). A mera passagem lúdica, que testa “a paisagem sonora, a iluminação, o clima, as conversas, os encontros, os gostos e os cheiros, bons ou ruins”, e que promove o uso indevido dos espaços, também os encontros com as pessoas certas (!) e a sensibilidade, superior à atmosfera que se desfaz (!) (Vazquez, 2010, p. 73, 164, 163, 154-155), não oferece nada mais ou melhor do que simplesmente passear e viver (tão burguesa essa colocação!). No entanto, uma discussão sobre o potencial atmosférico da experiência performativa no espaço urbano, bem como sobre ela ser um efeito de disposições de planejamento e de manipulação de uma economia de encenação fundada em desejos que são, por definição, insatisfatórios (Böhme, 2001, p. 49., 175.) – disposições que, no entanto, precisamos conhecer para podermos nos defender, pelo menos parcialmente³⁸ – nos levariam longe demais. Como Sócrates habilmente concluiu [em um diálogo Platônico]: falaremos sobre isso em outra hora!

³⁸ Do meu ponto de vista, não é verdade que “procurar as leis de condicionamento não te liberta delas, ao contrário, aprofunda a relação”, levando a uma “ciência do controle” (Vazquez, 2010, p. 83).

Bibliografia

- AMIN, Ash & THRIFT, Nigel. 2001. Città. Ripensare la dimensione urbana. Tr. by F. Santandrea, Ed. By A. Mela. Bologna: Il Mulino. 2005.
- BENJAMIN, Walter. 2002 [1982]. I „passages“ di Parigi. Ed. by R. Tiedemann and E. Ganni, 2 vol. Torino: Einaudi.
- BIEGER, Laura. 2007. Ästhetik der Immersion: Raum-Erleben zwischen Welt und Bild. Las Vegas, Washington und die White City. Bielefeld: Transcript.
- BIEGER, Laura. 2011. Ästhetik der Immersion: Wenn Räume wollen. Immersive Erleben als Raumerleben. In: Lehnert, Gertrud (ed.). Raum und Gefühl. Der Spatial Turn und die neue Emotionsforschung. Bielefeld: Transcript. pp. 75-95.
- BÖHME, Gernot. 1989. Für eine ökologische Naturästhetik. Frankfurt a. M: Suhrkamp.
- BÖHME, Gernot. 1995. Atmosphäre. Essays zur neuen Ästhetik. Frankfurt a. M: Suhrkamp.
- BÖHME, Gernot. 1998. Anmutungen. Über das Atmosphärische. Ostfildern v. Stuttgart: Tertium.

- BÖHME, Gernot. 2001. Atmosfere, estasi, messe in scena. L'estetica come teoria generale dela percezione. Ed. by T. Griffero. Milano: Marinotti. 2010.
- BÖHME, Gernot. 2006a. Architektur und Atmosphäre. München: Fink.
- BÖHME, G. Atmosphäre als Grundbegriffeiner neuen Ästhetik, in: Id., Atmosphäre. Essays zur neuen Ästhetik, Suhrkamp, Frankfurt a. M. 1995, pp. 21-48.
- GRIFFERO, Tonino. In: Griffero, Tonino & Somaini, Antonio (eds.). Rivista di estetica. n.s., 46, 33. pp. 5-24.
- BONAIUTO, Marina; BILOTTA, Elena & FORNARA, Ferdinando. 2004. Che cos'è la psicologia architettonica. Roma: Carocci.
- CARERI, Francesco. 2006. Walkscapes. Camminare come pratica estetica. Torino: Einaudi.
- CARNEVALI, Barbara. 2006. "Aura" e "ambiente": Léon Daudet tra Proust e Benjamin. In: Griffero, Tonino & Somaini, Antonio (eds.). Rivista di estetica. n.s., 46, 33. p. 117-141.
- DAMISCH, Hubert. 1998 [1996]. Skyline. La città Narciso. Tr. by L. Perrona & D. Nicolai. Genova-Milano: Costa & Nolan.
- DE CERTEAU, Michel. 2005 [1980]. L'invenzione del quotidiano. Tr. by M. Baccianini, intr. by A. Posfácio de D. Borrelli. Roma: Edizioni Lavoro.
- DÜRCKHEIM, Karlfried Graf von. 2005 [1932]. Untersuchungen zum gelebten Raum. Erlebniswirklichkeit und ihr Verständnis. Systematische Untersuchungen II. In: Hasse, Jürgen (ed.), Natur – Raum – Gesellschaft 4. Intr. by J. Hasse et al., Frankfurt a. M: Institut für Didaktik der Geographie. pp. 11-108.
- FRÄNKEL, Fritz & JOEL, Ernst. 1927. Beiträge zur experimentellen Psychopathologie. Der Haschischrausch. Zeitschrift für die gesamte Neurologie und Psychiatrie. 11. pp. 84-106.
- FROMM, Ludwig. 2008. Wohnen in der Stadt. In: Hasse, Jürgen (ed.) Die Stadt als Wohnraum. Freiburg/München: Alber. pp. 63-93.
- FUNKE, Dieter. 2006. Die dritte Haut. Psychoanalyse des Wohnens. Gießen: Psychosozial-Verlag.
- GIBSON, James. 1999 [1986]. Un approccio ecologico alla percezione visiva. Trad. R. Lucio, intr. By P. Bozzi & R. Luccio. Bologna: Il Mulino.
- GOMBRICH, Ernst. 1991 [1987]. La bellezza delle vecchie città. In Id.: Riflessioni sulla storia dell'arte. In: Opinioni e critiche. Ed. by R. Woodfield, trad. G. Bona, Torino: Einaudi. pp. 264-278.
- GRIFFERO, Tonino. 2006. Quasi-cose che spariscono e ritornano, senza che però si possa domandare dove siano state nel frattempo. Appunti per un'estetica-ontologia delle atmosfere. In: Griffero, Tonino & Somaini, Antonio (eds.). Rivista di estetica. n.s., 46, 33. pp. 45-68.
- GRIFFERO, Tonino. 2009. Atmosfericità. "Prima impressione" e Spazi emozionali. In: Rivista Aisthesis. 1. pp. 49-66, disponível em <<http://www.seminariodestetica.it/Aisthesis/03griffero.pdf>>
- GRIFFERO, Tonino. 2010a. Atmosferologia. Estetica degli spazi emozionali. Roma-Bari: Laterza.

GRIFFERO, Tonino. 2010b. Il ritorno dello spazio (vissuto). In: Di Monte, Michele & Rotili Manrica (eds.). Spazio fisico-spazio vissuto (Sensibilia3-2009). Milano: Mimesis. pp. 207-239.

GRIFFERO, Tonino. 2010c. Dal bello all'atmosferico. Tra estetica e atmosferologia. In Russo, Luigi (ed.). Dopo l'estetica. Palermo: Aesthetica preprint. pp. 133-146.

GRIFFERO, Tonino. 2010d. Il corpo (proprio) rappresentato. *Teorie & Modelli*, XV, 2-3. pp. 241-257.

GRIFFERO, Tonino. 2013. Quasi-cose. La realtà dei sentimenti. Milano: Bruno Mondadori.

GRIFFERO, Tonino. 2014. Atmospheres: Aesthetics of Emotional Spaces. Farnham: Ashgate.

HAAPALA, Arto. 2004. On the Aesthetics of the Everyday. Familiarity, Strangeness and the Meaning of Place. In: Light, Andrew & Smith, Jonathan (eds.). *The Aesthetics of Everyday Life*. New York: Columbia University Press. pp. 39-55.

HALL, Edward. 1968 [1966]. La dimensione nascosta. Tr. by M. Bonfantini, intr. by U. Eco, Milano: Bompiani.

HASSE, Jürgen. 2000. Die Wunden der Stadt. Für eine neue Ästhetik unserer Städte. Wien: Passagen.

HASSE, Jürgen. 2002a. Die Atmosphäre einer Straße. Die Drosselgasse in Rüdesheim am Rhein. In: Hasse, Jürgen (ed.). *Subjektivität in der Stadtforschung, Natur – Raum – Gesellschaft 3*. pp. 61-113.

HASSE, Jürgen. 2002b. Zum Verhältnis von Stadt und Atmosphäre. In: Hasse, Jürgen (ed.). *Subjektivität in der Stadtforschung, Natur – Raum – Gesellschaft 3*. pp. 19-40.

HASSE, Jürgen. 2003. Stadt als erlebter und gelebter Raum – kein Sein ohne Handeln? In: Döring, Martin et al (eds.). *Stadt-Raum-Natur: Die Metropole als politisch konstruierter Raum*. Hamburg: Hamburg University Press. p. 174-218.

HASSE, Jürgen. 2005. *Fundsachen der Sinne. Eine phänomenologische Revision alltäglichen Erlebens*. Freiburg/München: Alber.

HASSE, Jürgen. 2006. Atmosfere e tonalità emotive. I sentimenti come mezzi di comunicazione. Trad. A. Somaini. In: Griffero, Tonino & Somaini, Antonio (eds.). *Rivista di estetica*. n.s., 46, 33. pp. 95-115.

HASSE, Jürgen. 2008a. Schöner wohnen? Zur Bedeutung von Ästhetisierung im Stadtraum. In: Hasse, Jürgen (ed.). *Die Stadt als Wohnraum*. Freiburg/München: Alber. pp. 109-132.

HASSE, Jürgen. 2008b. Die Stadt als Raum der Atmosphären. Zur Differenzierung von Atmosphären und Stimmungen. In: Hasse Jürgen (ed.). *Stadt und Atmosphäre. Die Alte Stadt. Vierteljahreszeitschrift für Stadtgeschichte, Stadtsoziologie, Denkmalpflege und Stadtentwicklung*. 35, 2. pp. 103-116.

HASSE, Jürgen (ed.). 2008a. *Die Stadt als Wohnraum*. Freiburg/München: Alber. Hasse, Jürgen (ed.). 2008b. *Stadt und Atmosphäre. Die Alte Stadt. Vierteljahreszeitschrift für Stadtgeschichte, Stadtsoziologie, Denkmalpflege und Stadtentwicklung*. 35, 2.

HAUSKELLER, Michael. 1995. *Atmosphären erleben. Philosophische Untersuchungen zur Sinneswahrnehmung*. Berlin: Akademie Verlag.

JANSON, Alban. 2005 [1932]. Einführung in den Beitrag von Graf Karlfried von Dürckheim

aus der Perspektive der Architektur. Ein Scherzo in Zitronenholz. In Hasse, Jürgen (ed.), *Natur – Raum – Gesellschaft 4*. Intr. by J. Hasse et al., Frankfurt a. M: Institut für Didaktik der Geographie. p. 147-171.

JANSON, Alban & WOLFRUM, Sophie. 2008. "Leben bedeutet zu Hause zu sein, wo immer man hingehet." In: Hasse Jürgen (ed.) *Stadt und Atmosphäre. Die Alte Stadt. Vierteljahresschrift für Stadtgeschichte, Stadtsoziologie, Denkmalpflege und Stadtentwicklung*. 35, 2. pp. 94-108.

KAZIG, Rainer. 2008. Typische Atmosphären städtischer Plätze. Auf dem Weg zu einer anwendungsorientierten Atmosphärenforschung. In: Hasse, Jürgen (ed.). *Stadt und Atmosphäre. Die Alte Stadt. Vierteljahresschrift für Stadtgeschichte, Stadtsoziologie, Denkmalpflege und Stadtentwicklung*. 35, 2. pp. 147-160.

KLAGES, Ludwig. 1940. *L'anima e lo spirito*. Tr. by R. Cantoni. Milano: Bompiani.

KLAGES, Ludwig. 1976. *Charakterkunde I*. Intr. by H. A. Müller. Bonn: Bouvier.

KLAGES, Ludwig. 1979. *Charakterkunde II*. Intr. by H. E. Schröder. Bonn: Bouvier.

KLEIN, Norman. 2004. *The Vatican to Vegas: a history of special effects*. New York/London: The New Press.

KNODT, Reinhardt. 1994. *Atmosphären und das Fest. Über einige vergessene Gegenstände des guten Geschmacks*. Norderstedt: Grin.

KOOLHAAS, Rem. 2000 [1978]. *Delirious New York. Un manifesto retroattivo per Manhattan*. Ed. by M. Biraghi. Milano: Mondadori Electa.

LORENZER, Alfred. 1968. Städtebau: Funktionalismus und Sozialmontage? Zur sozialpsychologischen Funktion der Architektur. In: Berndt, Heide et al. (eds.). *Architektur als Ideologie*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp. p. 51-104.

LYNCH, Kevin. 1971 [1960]. *L'immagine della città*. Tr. and intr. by G. C. Guarda. Padova: Marsilio.

LYNCH, Kevin. 1996 [1981]. *Progettare la città. La qualità della forma urbana*. Ed. by R. Melai. Intr. by B. Gabrielli. Milano: Etas.

MARBACK, Richard; Bruch, Patrich & Eicher, Jill. 1998. *Cities, cultures, conversations. Readings for writers*. Boston (Mass.): Allyn & Bacon.

MEISENHEIMER, Wolfgang. 2006. *Das Denken des Leibes und der architektonische Raum*. Köln: Meisenheimer & König.

MERLEAU-PONTY, Maurice. 2003 [1945]. *Fenomenologia della percezione*. Tr. by A. Bonomi. Milano: Bompiani.

METZGER, Wolfgang. 1971 [1941]. *I fondamenti della psicologia della Gestalt*. Tr. by L. Lumbelli. Firenze: GiuntiBarbèra.

MITSCHERLICH, Alexander. 1968 [1965]. *Il feticcio urbano. La città inabitabile, istigatrice di discordia*. Trad. C. Mainoldi. Torino: Einaudi.

MÜLLER, Michael & DRÖGE, Franz. 2005. *Die ausgestellte Stadt*. Basel: Birkhäuser.

OTTO, Rudolf. 1989 [1917]. *Il sacro. L'irrazionale nell'idea del divino e la sua relazione al razionale*. Ed. by E. Buonaiuti. Milano: Feltrinelli.

- PEREGALLI, Roberto. 2010. I luoghi e la polvere. Sulla bellezza dell'imperfezione. Milano: Bompiani.
- PORFYRIOU, Heleni. 2010. Spazio urbano come luogo. Camillo Sitte e il ruolo della visione nella modernità. In: Di Monte, Michele & Rotili, Manrica (eds.). Spazio fisico/spazio vissuto (Sensibilia 3). Milano: Mimesis. pp. 261-278.
- RAPPE, Guido. 1995. Archaische Leiberfahrung. Der Leib in der frühgriechischen Philosophie und in außereuropäischen Kulturen. Berlin: Akademie Verlag.
- RAUH, Andreas. 2012. Die besondere Atmosphäre. Ästhetische Feldforschungen. Bielefeld: Transcript.
- RYKWERT, Joseph. 2003 [2000]. La seduzione del luogo. Storia e futuro della città. Tr. by D. Sacchi. Torino: Einaudi.
- SCHMITZ, Hermann. 1965. System der Philosophie. II.1, Der Leib. Bonn: Bouvier.
- SCHMITZ, Hermann. 1969. System der Philosophie. III.2, Der Gefühlsraum. Bonn: Bouvier.
- SCHMITZ, Hermann. 1977. System der Philosophie. III.4, Das Göttliche und der Raum. Bonn: Bouvier.
- SCHMITZ, Hermann. 1998. Situationen und Atmosphären. Zur Ästhetik und Ontologie bei Gernot Böhme. In: Hauskeller, Michael et al. (eds.). Naturerkenntnis und Natursein. Für Gernot Böhme. Frankfurt a. M.: Suhrkamp. pp. 176-190.
- SCHMITZ, Hermann. 2003. Was ist Neue Phänomenologie? Rostock: Koch.
- SCHMITZ, Hermann. 2006. I sentimenti come atmosfere. Tr. by T. Griffero. In: Griffero Tonino & Somaini Antonio (eds.) Rivista di estetica. n.s., 46, 33. p. 25-43.
- SCHMITZ, Hermann. 2008. Heimisch sein. In: Hasse, Jürgen (ed.). Die Stadt als Wohnraum. Freiburg/ München: Alber. p. 25-39.
- SCHMITZ, Hermann. 2011 [2009]. Nuova Fenomenologia. Una introduzione. Ed. by T. Griffero. Milano: Marinotti.
- SENNETT, Richard. 1977. The fall of public man. New York: A. Knopf.
- SIMMEL, Georg. 1995 [1903]. La metropoli e la vita dello spirito. Ed. by P. Jedlowski. Roma: Armando.
- SIMMEN, Jeannot & DREPPER, Uwe. 1984. Der Fahrstuhl. Die Geschichte der vertikalen Eroberung. München: Prostel.
- SITTE, Camillo. 1981 [1889]. L'arte di costruire le città. L'urbanistica secondo i suoi fondamenti estetici. Ed. by D. Wiczorek, intr. by F. Choay. Milano: Jaca Book.
- TELLENBACH, Hubertus. 2013 [1968]. L'aroma del mondo. Ed. by M. Mazzeo. Milano: Marinotti.
- THIBAUD, Jean-Paul. 2001. La méthode des parcours commentés. In Grosjean, Michèle & Thibaud, Jean-Paul. L'espace urbain en méthodes. Marseille: Editions Parenthèses. pp. 79-99.
- THIBAUD, Jean-Paul. 2003. Die sinnliche Umwelt von Städten. Zum Verständnis urbaner

Atmosphären. In: Hauskeller, Michael (ed.). Die Kunst der Wahrnehmung. Beiträge zu einer Philosophie der sinnlichen Erkenntnis. Kusterdingen: Die Graue Edition. 2003. pp. 280-297.

THIBAUD, Jean-Paul. 2012. Petite archéologie de la notion d'ambiance. Communications. 90. pp. 155-174.

THIBAUD, Jean-Paul & THOMAS, Rachel. 2004. L'ambiance comme expression de la vie urbaine, Cosmopolitiques 7. pp. 102-108.

VAZQUEZ, Daniele. 2010. Manuale di psicogeografia. Intr. by L. Arnaudo. Cuneo: Nerosubianco.

VENTURI FERRIOLO, Massimo. 2009. Percepire paesaggi. La potenza dello sguardo. Torino: Bollati Boringhieri.

VITTA, Maurizio. 2008. Dell'abitare. Corpi spazi oggetti immagini. Torino: Einaudi.

WENDORF, Gabriele; Felbinger, Doris; Graf, Bettina; Gruner, Sabine; Jonuschat, Helga & Saphörster,

OLAF. 2004. Von den Qualitäten des Wohnumfeldes zur Lebensqualität? Das Konzept des "Atmosphärischen" als Ausgangspunkt einer integrierten Theorie. Discussion paper Nr. 11/04. Berlin: Zentrum für Technik und Gesellschaft der TUB.

WÖLFFLIN, Heinrich. 1985 [1886]. Psicologia dell'architettura. Ed. by L. Scarpa, intr. by D. Hoffmann- Axthelm. Venezia: Cluva.

ZUMTHOR, Peter. 1999. Architektur denken. Basel-Boston-Berlin: Birkhäuser.

ZUMTHOR, Peter. 2006. Atmosphären. Architektonische Umgebungen. Die Dinge um mich herum. Basel-Boston-Berlin: Birkhäuser.